



WRONG

ANNA LUIZA

 editora
coerência

Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2024

Copyright © Anna Luiza, 2023

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL

Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA

Giovanna Vaccaro

CAPA

Sarah Libna

ILUSTRAÇÕES DE CAPA

Vitória Rodrigues

ILUSTRAÇÕES INTERNAS

Yuri Peach

DIAGRAMAÇÃO

Michael Vasconcelos | Briell Salvattore

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Luiza, Anna

Wrong / Anna Luiza - 1ª edição - São Paulo:
Coerência, 2024

ISBN: 978-65-89850-92-2

CDD: 869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira 2. Dark romance



Rua Coronel Osório, 92 | Centro
Bragança Paulista | SP | 12902-270
www.editoracoerencia.com.br
Tel.: (11) 9.1292-1001



Este aviso contém informações acerca de gatilhos, tais como conteúdos nos quais podem abordar: Agressão física, transtornos de depressão, crises de ansiedade, tentativas e pensamentos suicidas, auto depreciação, abuso, atividade sexual e dependência emocional.



Dedico este livro a todos que
adoram ler sobre o amor com
uma doce pitada de ódio.

SUMÁRIO

9	PRÓLOGO	Eu não me esqueci
---	---------------	-------------------

PARTE I

12	UM	Memórias
20	DOIS	Memórias e descobertas
28	TRÊS	Memórias dolorosas
34	QUATRO	Memórias erradas

PARTE II

42	CINCO	Presente
52	SEIS	Eu me odeio!
62	SETE	Encarando o passado
73	OITO	A verdade dói
85	NOVE	Me ajude...
97	DEZ	Sacrifícios por amor
113	ONZE	Sentimentos dolorosos
126	DOZE	Fardo
142	TREZE	Vou ajudá-lo
153	QUATORZE	Damon Kim
170	QUINZE	Louco por você
181	DEZESSEIS	Esperança e sentimentos
194	DEZESSETE	Minhas lágrimas ricocheteiam
206	DEZOITO	Está mais e mais frio
223	DEZENOVE	Hard feelings
241	VINTE	A minha entrega
258	VINTE E UM	Cherry
279	VINTE E DOIS	Adeus!



PRÓLOGO

Eu não me esqueci

De: Jiun Park. Denver, Colorado.

Para: Damon Kim. Tóquio, Japão.

Fiquei horas olhando para o e-mail em branco, imaginando milhares de maneiras diferentes para lhe dizer as palavras necessárias para conseguir o seu perdão, mesmo sabendo que nenhuma delas seria justificável o suficiente para finalmente consegui-lo.

Quero que saiba que mesmo eu sendo um idiota mimado e covarde, mesmo não conseguindo ser forte o suficiente para ter lutado por nós, mesmo não merecendo você, ainda assim eu o amo mais do que sou capaz de demonstrar.

Sei que já faz muitos anos e que talvez você já não se lembre mais de mim ou das coisas pelas quais passamos, mas eu me lembro de tudo, Damon, de cada mínimo detalhe.

E eu precisava dizer a você que, não importa quanto tempo passe, nunca vou esquecer, porque você faz parte de mim e eu ainda o sinto todos os dias. Realmente depois de tanto tempo eu não sei como você está, ou o que pensa, mas eu já entendi que te perdi e também sei que a culpa é toda minha. E, céus, como isso dói, ainda dói como se fosse ontem e acho que sempre doerá.

Deve estar se perguntando porque estou te enviando um e-mail após tantos anos, porque eu também estou me perguntando isso. Acho que

eu precisava finalmente colocar isso pra fora e entender que preciso seguir em frente, mesmo que você já tenha seguido. Eu ainda estou paralisado no tempo, como se ainda estivesse preso naquele verão em que me apaixonei pelo meu próprio irmão postico.

E eu ainda te amo, Damon-ah, mas finalmente pude entender que você não era para ser meu, assim como eu não era para ser seu. Às vezes o destino não une duas pessoas que se amam, por mais verdadeiro e único que seja aquele amor, mesmo que sejam almas gêmeas, como você sempre fez questão de falar que éramos. Às vezes, simplesmente não é para ser.

E agora, depois de oito anos, eu posso ir. Assim como um dia você também se foi, e por mais doloroso que seja essa despedida, ela precisava ser feita para que eu pudesse ter paz e finalmente conseguisse abrir meu coração para outro alguém.

Me desculpe por tudo... por tudo que eu fiz e também pelas coisas que deixei de fazer, mas saiba que você foi profundamente amado pelo garoto covarde e insensível de antes, e continua sendo amado pelo homem maduro que me tornei. Eu juro pela minha alma que nunca fui tão verdadeiro em minhas palavras. Eu precisava te falar isso.

Eu sei que já se despediu de mim há muito tempo, mas agora é a minha vez de me libertar deste sentimento que tanto nos trouxe alegria e dor na mesma proporção.

Era *errado*, mas o errado pelos olhos dos outros era o certo em nossos corações.

E foi o tempo que me fez perceber que o errado sempre havia sido o certo, porque era amor, e não há como o amor ser errado.

É uma pena que seja tarde demais. Então...

Adeus, Damon.

Finalmente, adeus.

PARTE I

UM

Memórias

8 anos atrás

Quando paro para pensar em nós dois, lembro-me de milhares de coisas ao mesmo tempo, e ainda assim elas vêm em tantos detalhes pequenos e minuciosos em minha memória, que às vezes era tão falha, mas quando se tratava dele parecia tão marcada como uma tatuagem na pele. Irremovível.

Eu jurei por anos que o odiava desde o primeiro momento. Mas no fundo eu sempre soube, mesmo jamais querendo admitir, no fundo do meu âmago eu sentia a verdade.

Eu sempre o amei, mesmo que o meu corpo tenha descoberto isso muito antes do coração.

E como eu sabia? Porque era simples mesmo que fosse complicado, porque nós queríamos que fosse complicado, porque talvez todos amem complicar coisas que deveriam ser simples.

Quando se está apaixonado tudo é complexo e há tanta emoção por trás dessa complexidade que talvez seja por isso que amemos tanto aquele sentimento. E por mais que todos tentem fugir dele, todos o querem sentir.

Que ser vivo não quer emoção? Por mais que minta para si mesmo, no fundo do seu coração aquela vontade sempre irá existir. Mesmo que ela venha rápido, demore, ou até, quem sabe, nunca venha à tona, ela vai continuar lá, pairando na sua alma.

E eu demorei para notar que a vida encontra formas inacreditáveis de lhe pregar peças capazes de mudar sua perspectiva de si mesmo em questão de fragmentos de segundo. E eu demorei porque não sabia que isso era possível aos meus dez anos de vida.

Cresci em uma família tradicional, meus avós vieram da Coreia do Sul para os Estados Unidos ainda antes do meu pai nascer, então eu nunca conheci o país da minha origem, mas o papai sim, afinal foi lá que ele conheceu sua atual mulher Kim Sohui, que logo se tornou Park Sohui. Uma mulher que eu tanto jurei que odiaria, mas tornou-se futuramente a mãe que nunca tive.

Sohui não era minha mãe, e sim minha madrastra, mas eu a chamava de mãe, porque sentia que ela era.

A minha mãe biológica havia morrido no meu parto, então eu nunca tivera a oportunidade de conhecê-la, eu só sabia pelos meus avós o quanto ela era maravilhosa. Ela era uma americana e engravidou do meu pai quando eram muito jovens, não houvera sequer um casamento, e, pelo pouco que eu sabia, tinha certeza de que ele nunca tinha sido apaixonado pela minha mãe de fato. Mas por Sohui ele claramente era.

Eu tinha apenas dez anos na época em que ela apareceu em uma manhã de Natal trazendo consigo o livro *Anna Karenina* e vários saquinhos de chá como presente. Ora, todos ficariam chocados por um garoto de dez anos amar ler Tolstói, mas, embora eu não entendesse nada, ainda assim era fascinado pelas belas palavras rebuscadas dele e dos maiores clássicos da literatura mundial.

A verdade era que eu amava livros; sabia que um dia leria todos eles, um por um, porque tinha pavor de chegar a uma certa idade sem ter lido uma grande quantidade considerável de obras. Afinal, quantos livros um ser humano consegue ler durante a vida? Eram pouquíssimos comparado à quantidade de livros que existiam no mundo todo. Eu precisava começar muito cedo; mesmo não entendendo muito bem os textos, ainda assim era divertido tentar.

Sohui me conquistou com *Anna Karenina* e me ganhou por completo com vários saquinhos do chá Rooibos, que era especial para mim, porque lembrava o meu pai. Eu a adorei imediatamente, e ela parecia ter gostado muito de mim.

O “problema” nunca havia sido ela, o real “problema” foi o que veio com ela: Ele.

Naquele mesmo Natal, alguém estava atrás da mulher que eu acabara de conhecer. Era um garotinho, que foi apresentado a mim como seu filho, Damon.

Lembro-me perfeitamente dos olhos redondinhos e arregalados do garoto mais novo, e lembro também que ele parecia alguém extremamente tímido e calado, tão diferente do que eu era: efusivo e falante.

À primeira vista, tentei falar com ele, mesmo que seu rosto sempre estivesse fechado para amizades.

— Gosta de chá? — perguntei querendo de alguma forma encontrar algo em comum entre nós, mas o garoto apenas negou com a cabeça, então tentei novamente: — Livros? — Negou outra vez. — Quem sabe desenhos da Disney? — Novamente... nada. — Animes? — Com toda a certeza, não.

As pessoas normalmente gostavam de mim, e foi estranho ser tão “desgostado” pela primeira vez. Feriu muito o ego do pequeno garotinho de dez anos que amava atenção, por isso passei a evitá-lo por completo nos dias que vieram a seguir.

O Natal havia passado e com ele o inverno também. Sohui e Damon já moravam conosco e meus pais tiveram um casamento no cartório; tão simples e prático quanto eles eram em sua essência.

Quando o frio se foi, veio o início da primavera com aquele sutil frescor, que passava longe do frio anterior.

Demorei muitos dias para digerir o quanto o casamento de Sohui e meu pai era algo muito real. A adaptação a novas regras e a outro garoto dividindo a atenção do meu pai foi complicada, mas a verdade era que eu sempre fui o centro das atenções para ele e para todos da minha família, e de repente isso não era mais uma realidade.

Papai parecia gostar de Damon e meus avós também, por algum motivo estranho aquilo me incomodava e eu passei a ter crises de ciúme com muita frequência.

Eu não fazia ideia do quanto era mimado até ele dizer isso para mim como uma ofensa às minhas atitudes.

— Você é mimado e é insuportável!

Eu não entendia o porquê o detestava tanto, mas absolutamente tudo nele me incomodava. Nós brigávamos muito, não nos dávamos bem, e por boa parte da infância foi assim. Foram anos de socos e pontapés, que olhando para trás me parecem tão cômicos, mas que naquele momento me deixavam tão triste e furioso.

Mas quando chegamos no início da adolescência foi ainda pior.

Sempre fui estudioso, bom nos esportes, bom exemplo e um orgulho para o meu pai. Eu sempre fiz de tudo para chamar a sua atenção da forma que mais o agradasse, e nunca havia deixado de dar certo. Eu tinha apenas onze anos quando disse a ele que queria cursar direito em Harvard, e nada no mundo tinha me dado mais alegria do que a expressão que meu pai esboçou, afinal era o curso que ele também havia cursado.

Mas Damon... era diferente de mim em todos os aspectos, e por algum motivo isso realmente sempre me incomodou. Ele não sonhava em ir para a faculdade

como eu, não obedecia à mãe e muito menos ao meu pai, ele era um garoto rebelde e cínico que nunca se importou minimamente com as autoridades.

Ele era tudo o que eu nunca fora.

Era por isso me tirava do sério, porque nunca na minha vida alguém não tinha gostado de mim. Nunca na minha existência alguém simplesmente me odiou como ele odiava e tanto fazia questão de demonstrar aquele ódio. Quando tínhamos doze anos foi o ápice das discussões. Nós literalmente quase nos matávamos por coisas muito simples, como quando algum de nós acabava com os cereais, ou demorava mais no banho... ou simplesmente fazia muito barulho. E quando eu digo que nós quase nos matávamos é no sentido literal: Damon e eu nos batíamos tanto ao ponto de que se alguém não separasse a coisa ficava muito feia; era tanta fúria que nem os empregados conseguiam separar, somente os seguranças.

Ele sempre havia sido violento, e isso fez com que eu me tornasse igual a ele. Eu queria tirar o máximo de sangue que conseguia, porque Damon fazia o mesmo comigo e muitas vezes ficávamos minutos inteiros rolando no chão nos socando até que alguém viesse separar.

Eu dizia que o odiava, e ele ria, então eu dizia que ele não teria futuro, e ele ria; eu também costumava dizer que ninguém se importava com ele, e ele também ria. Mas quando eu disse que sua mãe me amava mais porque eu era um filho melhor, ele simplesmente parou de sorrir e então eu descobri o seu ponto fraco.

Falar de sua mãe, mas nada o deixava mais fora de si do que falar de seu pai.

E eu amava ver o quanto era bom mexer com algo que o fizesse parar de rir de forma tão irritante, então eu o provocava o máximo que podia, até que ele quisesse brigar comigo. E nós brigávamos com tanta fúria que nem os empregados conseguiam separar, somente os seguranças.

Meu pai era dono do maior escritório de advocacia no estado do Colorado, e ele sempre nos dizia que a lei jamais estaria a favor de dois marginais que brigavam como loucos. E então eu finalmente parava de provocá-lo, porque tinha medo de me tornar aquilo que meu pai sempre tanto criticou.

Quando tínhamos de encarar papai ou Sohui depois de alguma briga, eu sempre colocava a culpa em Damon mesmo que eu tivesse começado a briga. Ele sempre permanecia em silêncio ouvindo os sermões, porque de qualquer forma papai e Sohui sempre preferiram acreditar na minha inocência do que na dele, era muito mais conveniente.



Quando tínhamos treze anos, não estávamos mais tão violentos, mas ainda estávamos longe de sermos próximos. O rancor e raiva entre nós ainda era mútuo, contudo as agressões passaram a ser um risco para mim desde que ele começara a lutar profissionalmente. Por isso, passamos a nos manter nas provocações verbais, xingamentos.

Damon tinha um único amigo na escola, enquanto eu tinha vários como sempre, e até mesmo lá nós não fazíamos a mínima questão de nos darmos bem

Todos sabiam que éramos irmãos, e todos sabiam muito bem o quanto nos odiávamos, porque eu sempre fiz questão de ele não usufruir da minha popularidade para conseguir amigos.

Eu gostava que ele fosse solitário e eu não, eu adorava o fato de que era superior a ele nos estudos, nos esportes, em casa e em quase tudo o que ele tentasse fazer. Eu era um adversário muito difícil de vencer, mas ele não fazia a mínima questão de batalhar contra mim nesse quesito.

Ele era um ano mais novo, mas estava adiantado na escola, então éramos da mesma turma e eu sempre fiz muita questão de humilhá-lo. Afinal, as minhas notas e a minha popularidade sempre me faziam muito querido tanto pelos professores quanto por todos os alunos.

Mas Damon... não. Damon era detestado por todos e isso infla o meu ego.

Ele era visto com maus olhos por ter um péssimo comportamento, uma mania impossível de se meter em encrencas e também pelas notas terríveis.

Eu sempre ficava impressionado por ele conseguir passar de ano, mas era incrível que quando ele estava quase para reprovar, suas notas magicamente começavam a melhorar. Não demorei a notar que ele fazia de propósito: amava se autossabotar e ser detestado principalmente quando se tratava dos mais velhos e isso era algo que me tirava do sério.

Damon era o meu completo oposto em todos os sentidos e talvez seja por isso que nunca tenhamos nos dado bem. O rancor e raiva entre nós era mútuo, mesmo que agora não passassem de provocações e xingamentos, já que as agressões passaram a ser um risco para mim desde que ele começara a lutar profissionalmente.

Como eu já havia notado, ele era agressivo desde sempre, em suas atitudes, em suas palavras e até mesmo na forma como vivia sua vida.

Nunca dando um espaço para alguém entrar naquele coração de pedra, porque nem mesmo sua mãe parecia ter aquela oportunidade.

Quando ele completou quinze anos, e eu, dezesseis, as coisas começaram a mudar drasticamente para Damon. Primeiro de tudo, ele começou a ficar alto, muito alto, ao ponto de me passar facilmente em altura e em força física.

E logo em seguida apareceram as primeiras tatuagens, para o completo desespero dos nossos pais.

Meu pai era um homem conservador, e antigo, aceitar um filho tatuado só com quinze anos foi muito complicado. Naquela semana, Sohui teve de segurá-lo para que não avançasse em Damon, e o garoto gritava para ele que iria revidar caso ele viesse, porque ele não era o seu pai de verdade.

Foi um dos piores dias da minha vida, porque Sohui só chorava, implorando para que aquela briga tivesse fim, meu pai gritava aos quatro cantos que iria mandá-lo de volta para a Coreia para morar com seu pai bêbado, e Damon só dizia que era aquilo que ele queria desde os dez anos. Foi horrível.

Mas o caos conseguiu ser ainda maior no dia em que o delinquente apareceu com nada menos do que um dragão chinês tatuado em praticamente todas as suas costas.

A pobre da Sohui chegou a desmaiar, meu pai tomou-lhe o celular, cortou a mesada e jurou que, se ele aparecesse com mais alguma coisa daquele tipo, iria mandá-lo de volta para a Coreia para morar com o seu pai.

E, bom... pelo jeito era exatamente isso o que ele queria mesmo voltar para a Coreia, porque dois dias depois ele apareceu com um piercing no canto dos lábios, como uma clara provocação para que o mandassem mesmo, porque era aquilo que ele queria.

Damon era cansativo. Quanto mais tentavam impor limites, mais ele tentava quebrá-los e maior parecia a sua revolta com o mundo. Uma revolta que nunca fez o menor sentido para mim, já que ele tinha tudo o que qualquer um podia desejar: uma família que se importava.

Só que nada parecia bom o suficiente.

Então, em uma manhã de domingo, meu pai havia mandado ele fazer as malas, porque ele ia morar com seu pai no Japão. Foi de repente, inesperado, em completo súbito.

Eu não estava esperando por aquilo, Sohui muito menos, e Damon parecia genuinamente chocado, apesar de ter buscado por aquilo de forma incansável.

Houve muitas outras discussões naquele domingo, porque o garoto fez questão de arrumar tudo que era seu em duas malas imensas. Sohui chorava e tentava conversar com meu pai, e eu olhava tudo de longe, mesmo estando perto, com o coração muito apertado por motivos que eu não compreendia... porque eu deveria estar feliz!

Eu deveria estar feliz.

Mas não estava.

Ele era ridículo. Enquanto Damon só trazia desgosto, eu fazia questão de só trazer orgulho, as minhas notas eram as melhores da classe e da escola, eu era tido como um exemplo e até estava indo ao escritório do meu pai para ajudar em algumas coisas. Sem contar que eu jogava beisebol bem pra caramba e tinha uma namorada muito gostosa, Kristina, a líder de torcida mais gata da escola.

Nós não éramos mais crianças, eu já tinha dezesseis e ele quinze anos, estava chegando o momento de parar com as desavenças.

Minha vida era perfeita, e eu não precisava fazer qualquer esforço para isso, ele nem mesmo faria falta se fosse... então por que algo me incomodava?

Sinceramente? Eu já não notava muito mais a presença de Damon em casa ou na escola, ele era um completo estranho para mim mesmo que nos conhecêssemos desde crianças e que supostamente fôssemos como *irmãos*.

Ele fazia tanta questão de não fazer parte da minha vida quanto eu fazia questão de não fazer parte da vida dele, não éramos compatíveis em absolutamente nada.

Não fazíamos questão nenhuma de ser.

A verdade é que eu sempre achei essa atitude forçada, e quando ele disse que realmente ia embora achei que fosse um blefe. Mas quando chegou a hora ele se foi.

Ele foi embora naquele domingo, ele foi embora sem olhar para trás.



O primeiro mês sem Damon foi estranho, silencioso. Teve muito do que eu chamaria de “paz”, mas isso me trouxe inquietude ao invés do sossego que eu imaginaria ter assim que ele se fosse.

A paz não me era estranha, ela era uma velha amiga, como os meus livros também eram. Mas a paz passou a se tornar uma inimiga insuportável.

Toda aquela “paz” não me deixou ler por dias, semanas e meses a fio graças à angústia que ela me trazia. Como quando você se senta diante de um livro e lê uma, duas, três vezes a mesma frase, e ela continua não fazendo sentido para você, mesmo que esteja um silêncio absoluto no ambiente, se sua cabeça está a mil, não há paz externa que faça você conseguir se concentrar em uma leitura complexa.

A paz era uma farsa, eu notei, assim como o meu ódio pelo meu irmão posticho.

Eu nunca fora do tipo que não conseguia me concentrar. Mesmo lendo de Kafka a Tolstói, de Nietzsche a Shakespeare, eu sempre consegui manter a concentração. Talvez porque as palavras me intrigassem tanto, talvez porque eu muitas vezes precisava de um dicionário para descobrir significados difíceis.

Mas com aquele silêncio ensurdecador nada parecia ser interessante o suficiente para me fazer prestar atenção nas palavras desses mestres, *nada*.

Eu voltava a pensar em Damon constantemente, estranhando o meu próprio sentimento de saudade. Porque era muito genuíno.

Era estranho sair do meu quarto e não me deparar com olhos escuros, furiosos e redondos. Ainda mais quando eu não precisava brigar com ele para usar o banheiro primeiro, porque ele tinha a péssima mania de ficar muito tempo no banho, e era ainda mais esquisito quando descia as escadas e não havia ninguém para implicar com os meus *all stars* vermelhos e com a minha baixa estatura.

Eu senti um vazio naquela casa porque percebi depois das semanas que ele se foi, que na verdade éramos muito sozinhos. Nossos pais ficavam no escritório das sete da manhã até às onze da noite, não comiam na mesa conosco e vez ou outra almoçavam e jantavam na rua mesmo, pela falta de tempo.

A nossa única companhia era a nossa empregada, Abuelita, uma senhora na faixa dos cinquenta anos. Seu verdadeiro nome era Maria e ela era de Porto Rico.

Sua comida dela era maravilhosa e ela era muito carinhosa com nós dois, e ela tinha o dom de mimar Damon, porque era a única pessoa pra quem ele abria uma exceção. Havia muito respeito por aquela mulher que preparava as nossas camas, preparava nossas refeições e lavava nossas roupas. Porque sentíamos que era muito mais presente nas nossas vidas do que nossos próprios pais.

Então... acabou que eu e Damon tínhamos, sim, alguma coisa em comum.

E parando para me lembrar de tudo o que aconteceu com nossos corpos e com as nossas almas no dia em que ele finalmente voltou para mim, eu ria dos meus pensamentos tolos e infantis de pensar que a única coisa em comum que tínhamos era aquilo.

Ah, como eu era tolo. Como eu era tolo!